

Afinidades efetivas entre *Caderno de um ausente*, novela de João Anzanello Carrascoza e o bíblico

Actual affinities between *Caderno de um ausente*, a novella by João Anzanello Carrascoza and biblical books

Luiz Gonzaga Marchezan

UNESP/Brasil

Palavras-chave: ancestralidade, redenção, catástrofe, intertextualidade.
Keywords: ancestry, redemption, catastrophe, intertextuality.

As narrativas do texto bíblico movimentam-se por meio de contrastes dinâmicos. O *Gênesis* envolve criação e destruição e, através deste fundamento arquetípico, numa operação mental básica, aproxima o leitor de conhecimentos acerca da descendência humana: o sentido da ancestralidade, suas alianças mediante decisões transitórias tomadas pelos patriarcas na construção das descendências. Os patriarcas demonstram inabalável apego à criação do mundo, encontram-se ligados à terra, ao solo, à casa, à família. As alianças que promovem no interior de suas famílias realizam-se por meio de diálogos com filhos homens, a partir dos primogênitos. Lemos, dessa maneira, no *Gênesis*, os fundamentos da existência humana diante do início da vida, do acontecimento da primeira morte, ao lado de circunstâncias exemplares que localizam os viventes entre o bem e o mal no âmbito das relações familiares. As representações do *Gênesis* encerram uma astúcia sentencial: as falas dos patriarcas partem de um saber a respeito de tudo; procuram denominar, com senso de proporção, para os primórdios da existência humana, valores que constituirão a espiritualidade.

Caderno de um ausente, novela de João Anzanello Carrascoza, compartilha com o leitor, desde sua epígrafe, retirada da novela *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, emoções e pensamentos pressupostos entre fatalidades e redensões assentadas no âmbito de verdades profundas da vida, dos afetos, de medidas tomadas na esfera da ação dos ancestrais bíblicos para seus descendentes. Os narradores e personagens de *Caderno de um ausente* e *Lavoura arcaica* são falantes e suas vozes encontram-se circunscritas em valores que tiveram suas proporções e medidas iniciais oriundas dos primeiros livros bíblicos, afinidades constitutivas e figurativas que estudaremos nessa análise textual.

João Anzanello Carrascoza e Raduan Nassar são leitores entre si e trabalham com narrativas que encenam personagens em papéis assumidos com relações entre pais e filhos.

Lavoura arcaica constitui-se, conforme Alceu de Amoroso Lima (2006), numa novela trágica; *Caderno de um ausente* organiza-se como uma novela dramática.

A função da forma literária da novela não é desvelar circunstâncias obscuras da história que conta, mas, tencionar o lado desconhecido, não devassado das ocorrências daquelas circunstâncias. A novela tende, à partir dessa característica, a narrar algo novo, uma situação nova, ainda embaraçada; daí, enovelada. A novela, assim, prende-se a quadros em movimento, de uma maneira preponderantemente dramática e desenlace, por vezes, trágico.

Lavoura arcaica e *Caderno de um ausente* movimentam em suas narrativas, por meio de intervenções concentradas, aceleradas pelas falas de seus narradores e personagens – André e João, duas situações familiares desencadeadoras das peripécias que redundam nos desenlaces das narrativas: as mortes de Ana, na novela de Raduan Nassar e de Juliana, na de João Anzanello Carrascoza. Desse modo, ambos, em ritmos sucessivos, temporalmente ordenados, estabelecem, conforme o ideário da ancestralidade, os apegos e cuidados dos patriarcas com os familiares na construção das descendências, seus ordenamentos e visões acerca do imponderável, advindo das fatalidades e redenções movidas pelo destino.

Iohána, visto por André, seu filho, através dos sermões de tom bíblico do pai, ao lado dos ensinamentos herdados de antepassados, assim como João, por meio de carta que compõe para a leitura futura de Bia, a filha que nasce, direcionam argumentos acerca de interpretações do curso da vida, deparando-se, ambos, com a fatalidade da morte. Os tons do sermônário de Iohána, repassados por André, e da carta de João consagram momentos das vidas familiares em *Lavoura arcaica* e *Caderno de um ausente*, estabelecidos com falas, opiniões, que prescindem de respostas até o momento dos desenlaces implacáveis com mortes – a de Ana e Juliana.

A fala de Iohána faz-se pautada por comparações alegóricas com o *Evangelho de São Lucas* e os *Provérbios*, sem se descuidar dos saberes de uma súpula que reúne ensinamentos advindos da experiência da vida familiar dos antepassados. A carta de João à filha tem como matéria uma crônica epistolar no âmbito das experiências familiares de imigrantes italianos no Brasil.

A narrativa epistolar de *Caderno de um ausente*, na voz do narrador, João, envolve-se, na perspectiva da narrativa epistolar bíblica, com ensinamentos, lições de vida, relativas à trajetória da família da filha que nasce, Bia, diante de explicações, revelações acerca da familiaridade, das suas marcas identitárias, ao lado, também, dos sentidos de alteridade, individualidade, das dúvidas daqueles que estiveram, como João, sujeitos à vida familiar, sujeição esta, de leitura alargada, universal.

Caderno de um ausente, de João Anzanello Carrascoza, traz em epígrafe passagem de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar (2006, p. 50): “[...] mas que doce amargura dizer as coisas [...]”, desentranhada do pensamento de André, narrador e protagonista, no último trecho do capítulo 8:

fui confessando e recolhendo nas palavras o licor inútil que eu filtrava, mas que doce amargura dizer as coisas, traçando num quadro de silêncio a simetria dos canieiros, a sinuosidade dos caminhos de pedra do meio da relva, fincando as estacas de eucalipto dos viveiros, abrindo com mãos cavas a boca das olarias, erguendo em prumo as paredes úmidas das esterqueiras, e nesse silêncio esquadrihado em harmonia, cheirando a vinho, cheirando a estrume, compor aí o tempo, pacientemente.

Conforme o fragmento, lemos, no capítulo 8 de *Lavoura arcaica*, momento em que André, apaixonado por Ana, esquadriha suas emoções entre medidas, ao lado da irmã, tomadas no tempo, com a finalidade de, por meio da união amorosa entre eles, enfrentar a autoridade paterna.

André e Ana, ambos situados do lado esquerdo da mesa dos sermões do pai, rompem com quaisquer retraimentos diante de suas experiências íntimas e imprimem, no universo inquestionável do patriarcado de Iohána, um comportamento oposto ao herdado da linhagem ancestral, instituído como tabu, forma de moral seguida pelo patriarca, situando-os no âmbito de um conflito muito além da órbita da sexualidade e na direção de um novo posicionamento diante do amor no mundo. Ambos, diante disso, voltam-se contra o pai, insurgindo-se com a maneira do patriarca destituir os filhos do direito de escolher o destino de suas vidas. Assim, o casal contrapõem-se ao patriarca por meio de uma atitude ascética, sacrificial, consagrando, na catedral do pai, um amor consumado entre irmãos.

André nega-se a viver como objeto de uma escolha paterna, rebela-se e na fúria de suas decisões, apaga sua sujeição ao pai reconstruindo sua subjetividade no curso de experiências em que decide, sensível a si mesmo, por uma paixão pela irmã. *Lavoura arcaica* não inclui a compaixão nas relações entre Iohána e sua família. Iohána tem sua casa como uma catedral e, a partir da mesa dos sermões, expõe um credo por meio de uma fala ancestral que despreza a experiência dos filhos no tempo; despreza suas vontades pessoais, uma vez que elas devem seguir a disposição dos seus sermões. Dessa maneira, não há entre pai e filhos, pai e André, espaços para a discórdia. André e Ana, nas direções que tomaram, opostas às do pai, exerceram, com suas atitudes libertárias, uma vontade sem limites.

Caderno de um ausente traz na fala de um pai, em relação à filha que nasce, grande sentimento familiar. Assim se dá a doce amargura de João em dizer antecipadamente as coisas. O texto do *Caderno de um ausente*, movido pelo tom e ritmo da paciência, lida com alternativas para livrar Beatriz dos sofrimentos da existência.

Lavoura arcaica dá-nos a rudeza dos sentimentos de Iohána, sua impaciência com a família e sua auctoria no homicídio da filha, Ana. Desse modo, para a narrativa, o voluntarismo de André e Ana em consumarem uma paixão entre irmãos depara-se com outro, o do pai, em destruí-lo com morte, vontades interditas que, calcadas em realidades diferentes, resultam, conforme os dois últimos capítulos da narrativa, na própria destruição do legado de Yohána e seus antepassados.

Lavoura arcaica é uma novela trágica que move, entre 30 capítulos encadeados pelo pensamento em fluxo de André, uma exposição do sombrio da natureza humana. O narrador e protagonista, no último capítulo da novela, calmo, num ambiente que demonstra, no momento, sua solidão, apresenta-se como alguém além

dos sentimentos da morte, da dor; encontra-se metamorfoseado, mudado, com o perfil de um herói trágico, aquele que incorporou a tragédia vivida diante dos embates com as leis. Neste momento, com “olhos amenos”, assiste à “[...] manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos [...]” (Nassar, 2006, p. 194).

O tempo em *Caderno de um ausente* acompanha, de acordo com a segunda epígrafe do volume, o pensamento de Santo Agostinho: “De que modo ensinai as coisas futuras, ó Senhor, para quem não há futuro”. A medida do tempo agostiniano é a do presente, tendo como presentes, concomitantemente, tanto lembranças do passado, como esperanças por um futuro. Dessa maneira, a contemplação da filha que nasce faz João voltar-se para a idéia da efemeridade, para as possibilidades lógicas, futuras, da sua morte no curso da vida de Bia, recém-nascida.

O contato com a percepção da finitude, no momento do nascimento da filha, na verdade, leva João a uma idéia improvável de uma vida futura, movendo-o a imaginar-se ausente na vida da filha e, assim, construir um legado a ser deixado em caderno. Conforme expõe de início à filha: “[...] este é um mundo de expiação [...]” (Anzanello, 2017, p. 10), onde se vive um sonho protegido pelo “[...] muro concreto do presente”. (Anzanello, 2017, p. 13) Desse modo, diante do ideário de escrever um caderno para a iniciação de Bia, João valoriza a palavra, para ele, com o poder de “suturar vivências” (Anzanello, 2017, p. 111), de nomear instantes, experiências e de consagrá-los.

João, diante de um primeiro casamento fracassado e pai imaturo de um filho, coloca-se para Bia como um pai errante; descreve seu sofrimento mediante derrotas, quedas, algo que também o aproximou da sabedoria do silêncio: a de mover o errante, pelo interior de sua quietude e evitar mais faltas ante incompreensões, acomodando-o, silente, à segurança dos tempos ancestrais, dos vazios, do mistério. João, assim, faz-se conhecer à filha, à partir do silêncio da recém-nascida, dos primeiros momentos de vida da menina, preenchendo, para sua leitura futura, um caderno de iniciação para o entendimento do mundo, da vida familiar à partir do silêncio, este que “[...] irriga vazios [...]” (Anzanello, 2017, p. 119) e paira nos abismos entre palavras.

João depreendeu o valor de suas relações familiares em silêncio, observou-as, pensou-as; viveu-as diante das mortes de seus parentes; analisou-as acoçadas pela efemeridade; viu-se, dessa maneira, diante dos silêncios inicial e final da vida. No curso desse tempo perdeu avós e pai, restando-lhe a mãe que o acompanhou diante do primeiro e segundo casamentos, do nascimento do primeiro filho e, agora, do nascimento de Bia. Dessa maneira, João, o errante, fez-se acomodado, experiente, e, sem atravessar a vida de ninguém passa a construir uma fala de iniciação à vida para a filha, presumindo sua morte anterior à da esposa.

João e André, protagonistas, respectivamente, de *Caderno de um ausente* e *Lavoura arcaica*, representam-nos dois sujeitos lançados à vida diante de vivências e experiências familiares distintas. André, no entanto, não passou por casamentos, não teve filhos, não sofreu com mortes; viveu, ao seu modo, a morte da irmã, Ana. Viveu conforme um legado transmitido entre gerações, oriundo das

experiências familiares paternas, arcaicas, que ouviu, em silêncio, durante os sermões do pai, Iohána.

Os narradores e personagens de *Lavoura arcaica* e *Caderno de um ausente* voltam-se para relações familiares e por meio de seus pensamentos, falas, colocam-se diante dos demais; buscam objetividade e clareza no que vêem; dramatizam suas experiências diante do jogo de seus destinos; constituem, assim, sua subjetividade.

André contrapõe-se ao pai da mesma forma proverbial como o pai, diante de todos reunidos na mesa dos sermões, manifesta-se e faz reverberar suas verdades. Para Iohána, sua casa é sua catedral. O narrador e personagem de *Caderno de um ausente* situa a narrativa num espaço não construído, não definido e, solitário, imaginando sua fala à partir do interior de uma ermida.

Lavoura arcaica conta com um tempo medido pelas prédicas bíblicas de Iohánna, limitadas em seus horizontes de expectativas, uma vez que não prevêem mudanças e sequer enxergam conflitos no tempo. Iohána mede o tempo de um ponto de vista mítico, bíblico, cíclico, limitado em seus valores arcaicos. O tempo bíblico, preso a eventos temporais previstos em ciclos corrigem disfunções e conflitos diante de escolhas e deliberações previsíveis, num cenário de redenções que acomodam, sem mal-estar ou vazios, os tempos vividos.

As verdades profundas da vida em *Cadernos de um ausente* dão-se por meio de meditações líricas que se aproximam da entonação de falas bíblicas, ao lado de um cuidado com a emboscada das palavras. Conforme o narrador e personagem: “uma metáfora só é uma metáfora porque diz o que não se pode dizer de outra maneira, é a tentativa de driblar o incomunicável, e seria tão mais fácil se pudéssemos – de novo – nos movermos sobre a linha do silêncio” (Anzanello, 2017, p. 116).

João mostra-se uma personagem refletida; sua fala coloca-se do ponto de vista de um solilóquio, numa narrativa sustentada por uma espera que traduz suas expectativas com o nascimento da filha.

O solilóquio exprime as sensações, emoções, despertadas na vida interior do protagonista – sua alegria com o nascimento da filha, sua calma, depois, sua dor com a morte da esposa, Juliana. Sempre solitário, isolado do mundo exterior, João retira do mundo, dos tempos vividos, suas experiências familiares para o relato em caderno à filha que nasce. Suas súplicas, num tom proverbial, promovem em seu *Caderno* confidências sobre a vida com apartes, manifestações, a fim de encorajar, estimular a filha que nasce. Diante disso, recolhe para a filha, durante seu primeiro ano de vida, “a miudeza de cada instante”; com economia, procura falar distante “dos torvelinhos do pensamento” (Anzanello, 2017, pp. 31-2), até o instante da morte da esposa, motivada pela frágil saúde de Juliana abalada com o parto de Bia.

O pensamento em fluxo, torrencial, aflitivo, que dá o ritmo da narrativa de *Lavoura arcaica* não é o do conjunto de idéias representado pelo solilóquio empregado em *Caderno de um ausente*, que segue um curso vital e espontâneo, na tradução de receios, segredos, confidências do narrador e protagonista.

O tempo cíclico, mítico, que fixa o universo de *Lavoura arcaica*, ditado pelo pensamento proverbial de Yohána, encontra-se numa disposição oposta ao de

Caderno de um ausente, agostiniano, onde o tempo é dado pela supremacia do presente, que recupera as exemplaridades da memória familiar de João para a consagração do instante do nascimento de Bia, mediante outro deslocamento que aponta novo desdobramento natural do destino: a morte, não a de João, como ele previa, mas de sua esposa, Juliana. Desse modo, os prognósticos de um pai de 50 anos para uma filha que nasce mostra-se, no presente, atravessado pela concretude do passado do casal – a fragilidade da saúde de Juliana, agravada com o parto de Bia, que a vitimou.

João mostrou-se, na verdade, dividido diante da medida agostiniana do tempo. O tempo de espera, de um lado, dividiu-o – entre o da sua morte e o nascimento da filha; pelo outro, definiu-o, deu-lhe coragem, movendo-o para o enfrentamento das adversidades, sem se fazer refém de suas dúvidas.

A narrativa de João Anzanello Carrascoza configura-se como uma narrativa de contenção; ela transige em momento de desenlace, que se estabiliza entre a catástrofe e a redenção. As sequências narrativas de *Caderno de um ausente* não marcam grandes diferenças entre seus movimentos, não sinalizam quer melhoramento, quer degradação entre suas partes.

Lavoura arcaica e *Caderno de um ausente* dão forma para duas concepções diferentes de mundo à partir da ausência e presença do sentimento da delicadeza da compaixão de dois pais pelos filhos. Yohána é um pai que despreza a experiência dos filhos no tempo e, assim, dita-lhes os ensinamentos rígidos estabelecidos por ancestrais. João tem compaixão pelos filhos; procura entendê-los no seu tempo e livrá-los de impasses. Para isso, quis deixar para a filha que nasce um caderno em que revê sua própria vida, nos acertos e erros pelo interior da vida familiar. Entre as duas figuras paternas criadas por Raduan Nassar e João Anzanello Carrascoza – Yohána e João, paira, no tema do ordenamento familiar por ambos tematizado, uma atenção frente ao natural impulso libertário dos filhos, algo sedimentado na alma humana.

Diante disso, lemos em *Lavoura arcaica* uma determinação de André por viver afastado da tutelada pelo pai; em ignorar a autoridade paterna, o legado dos antepassados, optando, desse modo, por despojar-se dos laços do parentesco. Assim, o filho rebelde de Yohána rompe com a simetria dos fatos da vida ditada pelo pai por meio de um movimento em que o novo surge no bojo de uma contingência, de um comportamento ditado por livre arbítrio: um amor consumado pela irmã.

João, narrador e protagonista de *Caderno de um ausente*, volta-se para seus laços familiares, conforme a trajetória assimétrica do tempo, como filho de uma família de imigrantes italianos, casado com esposa também descendente de imigrantes italianos, e dentro de um padrão moral de conduta ditado e não por seus antepassados em decisões, sempre, tomadas com temperança.

As figuras paternas criadas por Raduan Nassar e João Anzanello Carrascoza contam com papéis que tematizam o ordenamento familiar. O perfil de Yohána é do patriarca ao lado das atenções do primogênito, Pedro; o de João, do que se vê como filho e pai de uma família de imigrantes, de costumes parcimoniosos, experiências que o orientam nos ensinamentos que deixa para a filha em caderno, como lições sobre o afeto, no tom de uma súplica. A intemperança, o erro e a

dor levarão Yohána para o silêncio, conforme entenderemos pela manifestação de André, no último capítulo da novela.

As narrações das duas novelas mostram-se dominadas por meditações que passam por uma arqueologia de descendências entre culturas desiguais: *Lavoura arcaica* trabalha com uma família de descendência libanesa; *Caderno de um ausente*, com família de descendência italiana. Naquelas arqueologias de descendências, simplicidades arquetípicas movimentam, com falas oralizadas, ações significantes que constroem as duas narrativas – a unidade entre pais e filhos; a concórdia e a discórdia entre pais e filhos; a presença do pai na casa e na trajetória da descendência; pais e filhos, enfim, admitindo e não faltas, colocando-se e não aptos para o perdão, para o afeto, para o conhecimento acerca de verdades profundas da vida.

O diálogo que Anzanello Carrascoza estabelece com Nassar é intertextual e pela memória da literatura brasileira. Entre *Lavoura arcaica* e *Caderno de um ausente* contamos com temáticas bíblicas à partir da maneira como seus protagonistas deparam-se com a fome, o desejo, a ambição por saber por meio de uma meditação discursiva com apelos analógicos à dadas passagens bíblicas. A primeira história que João conta para Bia remonta, conforme, já observamos, situação narrada em *Lavoura arcaica*, na forma de uma parábola:

[...] os grãos sobre a mesa em nada diferem um do outro, só variam os detalhes, onde há um sorriso agora se tem um ricto, a catedral se transformou em ermida, o faminto virou pródigo, são os detalhes, filha, que dão luz ao dia esmaecido, e o detalhe, Bia, em teu (nosso) caso, é que um broto irrompeu deste lenho velho em contato com a terra, e, nele, a primavera germina, impiedosa, com todo o vigor. (Anzanello, 2017, p. 58)

Assenta-se na passagem acima o contraponto entre as narrativas das duas novelas, tendo como base comparativa a catedral de Yohána diante da ermida de João; nesta, o lugar da morada da singeleza, em que o rito, com a suavidade de um sorriso, contempla o faminto com o mesmo que há na mesa do pródigo; por último, que o novo, no seu vigor impiedoso, não pode ser interrompido. André, em dado diálogo com o pai, aponta-lhe os falsos anseios discutidos no interior da catedral do patriarca, que o impediu, num de seus sermões, de avaliar a carência do faminto, uma vez que: “A prodigalidade também existia em nossa mesa” (Nassar, 2006, p. 156).

Entre *Lavoura arcaica* e *Caderno de um ausente* temos histórias individuais de pais e filhos, de lares fixos e descendências. A narrativa de Raduan Nassar representa a figura de um patriarca intransigente com suas leis, em atitudes que desenlaçam em tragédia, catástrofe, diante de erro trágico, sem volta: Yohána mata a filha. Ele nos representa a queda de um pai que perde a palavra, recolhe-se, sem direito à redenção; seus erros levam-lhe ao silêncio.

André, no último capítulo de *Lavoura arcaica*, em memória ao pai, deixa-nos entrever seu desterro ao retomar uma fala do próprio Yohána:

[...] e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do

braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: porque o gado sempre vai ao poço”. (Nassar, 2006, pp. 193-94)

André escolhe entre os sermões do pai aquele em que o patriarca louva a simples disposição do mundo natural, seus movimentos que regulam no tempo os fenômenos naturais, muitas vezes, de modos insondáveis, assim como, numa direção oposta, atenta para os impulsos certos que instintivamente dirigem os comportamentos próprios da espécie animal. Yohána, sempre atento às leis, agora, conforme o trecho, as regentes das naturezas natural e animal, aconselha, naquele sermão, considerá-las nas suas plenitudes e em silêncio.

André, no momento em que vê o patriarcado de Yohána em queda, com a participação desastrosa do primogênito, mostra-se calmo nesses momentos sombrios vividos, no entanto, isolado, deslocado e, com palavras do pai, conclama seu clã para o valor do silêncio, da observação calada.

O valor do silêncio encontra-se também na última lição de João à filha, Bia:

Só o silêncio é que vale para sempre, o silêncio, Bia, era a nossa língua oficial, pelo silêncio podíamos dizer tudo com exatidão, sem o risco de não sermos compreendidos, mas, em alguma época ancestral, deu-se a queda [...]. (Anzanello, 2017, p. 115) [...] é no silêncio que podes descobrir nas tuas entranhas as minhas fragilidades, é nele, no silêncio, que o nada se exalta, e a súplica se renova, e a opressão se dissolve, é no silêncio Bia, que a memória resume as horas vividas [...] é no mais depurado silêncio que se irrigam os vazios [...]. (Anzanello, 2017, p. 119)

O silêncio, para João, é um revisor de atitudes e depurador de memórias. João, na sua criação, não foi atravessado pela lei do pai; fez-se, por isso, num pai que semeia e aguarda a germinação com paciência: suas advertências não contam com a lei, mas a experiência, uma sabedoria pessoal sobre a existência, que evita tanto a força diluviana da palavra, que destrói, como seu vozerio babilônico, que confunde. Assim, conforme apregoa o pai de Bia: o silêncio depurado irriga os vazios.

Lavoura arcaica e *Caderno de um ausente* encerram histórias individuais de pais e filhos; histórias familiares, de vida, de lares fixos, de discórdias e concórdias entre descendências, por meio de um paralelismo entre os discursos bíblico e da literatura, onde lemos o que a forma literária da novela sensibiliza-nos para sentidos entre sentidos, um frente ao outro, em que o aperceptível se dá com a experiência da ficção no enfrentamento do texto bíblico.

Referências bibliográficas

- Amoroso Lima, A. (2006). Quarta capa. In R. Nassar. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Cia. das Letras.
Anzanello Carrascoza, J. (2017). *Caderno de um ausente*. São Paulo: Cia. das Letras.
Nassar, R. (2006). *Lavoura arcaica*. São Paulo: Cia. das Letras.

Resumo

Caderno de um ausente, novela de João Anzanello Carrascoza, compartilha com o leitor, desde sua epígrafe, retirada da novela *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, emoções e pensamentos pressupostos entre fatalidades e redenções assentadas no âmbito de verdades profundas da vida, dos afetos, de medidas tomadas na esfera da ação dos ancestrais bíblicos para seus descendentes. Os narradores e personagens de *Caderno de um ausente* e *Lavoura arcaica* são falantes e suas vozes encontram-se circunscritas em valores que tiveram suas proporções e medidas iniciais oriundas dos primeiros livros bíblicos, afinidades constitutivas e figurativas que estudaremos nessa análise textual.

Abstract

Caderno de um ausente, a novella by João Anzanello Carrascoza, shares with the reader, presumed emotions and feelings between fatalities and redemptions established in the scope of profound truths of life, affections, measures taken around the action of biblical ancestors towards their descendants, from its heading, retrieved from the novella *Lavoura arcaica*, by Raduan Nassar. The narrators and characters of *Caderno de um ausente* and *Lavoura arcaica* are speakers and their voices are circumscribed in values whose initial proportions and measures come from the first biblical books, constitutive and figurative affinities, which we will study in this textual analysis.